

A LEITURA OBRIGATORIA DE CASA GRANDE E SENZALA

Valter Sinder
UERJ/PUC-Rio

RESUMO

Casa Grande e Senzala vem sendo objeto de continua e as vezes acalorada discussão desde sua publicação em 1933. O debate em torno desta e outras obras de Gilberto Freyre irá assumir as mais variadas formas desde então, ora identificando, ora opondo escritores, críticos, ensaistas, historiadores e sociólogos. Neste trabalho pretendo discutir essas apropriações através das múltiplas possibilidades que surgem da coexistência e da concorrência de interpretações dessa obra. A revisão dos conceitos que configuram a recepção do texto, norteia a questão da história do pensamento social brasileiro.

A leitura de alguns dos principais estudos que discutem o pensamento social no Brasil revela um dado que nos parece significativo - Um dos traços mais persistentes dos intelectuais que formam a história do pensamento social brasileiro na modernidade é a atração (algumas vezes obsessiva) pelo estudo de sua própria sociedade. Além disso, quase sem exceção, os livros Casa Grande & Senzala (Introdução à História da Sociedade Patriarcal Brasileira), de Gilberto Freyre, e Os Sertões, de Euclides da Cunha, são indicados como consulta obrigatória e fundamental deste campo de discussão. Com efeito, Os sertões e Casa Grande & Senzala, vem sendo objeto de continua e as vezes acalorada discussão desde sua publicação em 1902 e 1933, respectivamente. Considerados como marcos fundadores deste campo, o debate em torno destas obras irá assumir as mais variadas formas desde então, ora identificando, ora opondo escritores, críticos, ensaistas, historiadores e sociólogos.

Vejamos Casa Grande & Senzala. Como aponta Antonio Candido (em 1967), esse longo ensaio de Freyre sobre a formação histórica do Brasil, provocou um forte impacto em sua geração, liberando-a das análises realizadas pelos teóricos racistas que entendiam a miscigenação presente na sociedade brasileira como um processo que levaria ao enfraquecimento e mesmo a degeneração das gerações futuras. Até os anos trinta, nos diz Candido, a aceitação da

cientificidade desses argumentos, gerava, ente os intelectuais brasileiros, além de uma profunda angústia, uma necessidade de mostrar aos intelectuais europeus a viabilidade dos pais.

O impacto das idéias de Freyre apontado por Candido, pode ser comparado àquele provocado por Franz Boas nos Estados Unidos ou por Manuel Gamio no indigenismo mexicano. Freyre, assim como Gamio, foi educado na Universidade de Columbia nos Estados Unidos. No prefácio da primeira edição de *Casa Grande*, Freyre aponta a importância dos estudos de Franz Boas, com quem aprendeu a distinção entre raça e cultura, fato que ele diz ter sido fundamental para sua revisão do problema racial brasileiro. Os problemas nacionais, ao contrário do que muitos supunham, não eram decorrência de características inatas, mas sim de fatores ambientais. A mestiçagem continua aparecendo em Freyre como um dos elementos essenciais da formação nacional, mas é apresentada como símbolo do caráter democrático e flexível da cultura brasileira. A fim de escrever a história da formação cultural brasileira, Freyre embasou suas pesquisas tanto em fontes documentais tradicionais como em diários e documentos da inquisição portuguesa (fontes até então praticamente inexploradas), apresentando seus resultados em uma forma ensaística e literária que teve grande êxito.

No início dos anos trinta, momento de afirmação da explicação freiriana, a preocupação com o conhecimento científico de aspectos da realidade brasileira foi acompanhada por importantes realizações no plano institucional que, de certa forma, acabaram por possibilitar, nas décadas seguintes, uma crítica da explicação freiriana. Nos primeiros anos desta década foram criados os primeiros cursos universitários em Ciências Sociais no Brasil, através da importação de professores estrangeiros que deveriam romper com os vícios de estilo retórico, traço característico dos intelectuais brasileiros.

A universidade iria se tornar um importante elemento na vida intelectual brasileira, o que tem sido apontado por vários estudiosos do pensamento social brasileiro como fator determinante

na consolidação das críticas a Gilberto Freyre que ira se manifestar no anos 50. A passagem dos estudos da cultura aos estudos das estruturas sociais foi marcado por uma tentativa de produzir um novo tipo de reflexão que fosse ao mesmo tempo científica e crítica. Como afirmou M. Peirano (em 1991), nos anos vinte e trinta, quando o Brasil era dominado pela ideologia dos pais novo, o conceito de cultura desempenhou um papel importante nos estudos sociológicos. Essa fase foi substituída por outra fase onde predominou a noção de pais subdesenvolvido (...). Retrospectivamente, a primeira fase foi marcada por uma leve consciência do atraso, na qual a identidade nacional era a preocupação principal, já a segunda fase incluiu uma consciência do atraso, só que desta vez catastrófica. Os conceitos de subdesenvolvimento e de dependência, colocados pelos sociólogos durante os anos 50 e 60 floresciam por inteiro.

Florestan Fernandes é o protagonista desta ruptura com a explicação cultural e o conseqüente estabelecimento de uma explicação centrada na estrutura social. Em seu estudo sobre as relações entre negros e brancos em são Paulo, realizado por solicitação da UNESCO, chega-se a um resultado que acabara por desafiar as interpretações comuns da realidade brasileira que, embasadas principalmente em leituras e interpretação das obras de Gilberto Freyre, descreviam o Brasil como uma democracia racial. Segundo Florestan Fernandes, a mestiçagem como índice de integração racial e de fusão e igualdades raciais, somente produz esses efeitos quando não se combina com uma forte estratificação social.

A partir desta formulação, que apresentei de maneira muito esquemática, Fernandes concluiu que apesar da miscigenação, o preconceito racial persistia no Brasil - não devido às características culturais, mas devido à maneira incompleta como se havia realizado a passagem de uma estrutura social fundada em estamentos e castas -característica do período escravista- para uma estrutura de classes que caracteriza a modernidade. Desde então, o diagnóstico do

processo de modernização incompleto, desde o ponto de vista da estrutura social, se consolidou como temática obrigatória nas discussões subseqüentes sobre a formação social brasileira.

A partir deste momento, de forma cada vez mais acentuada, os estudos que haviam sido realizados até então foram vistos como pré-científicos e ideologicamente orientados – uma soma de tudo aquilo que o pensamento social cientificamente orientado deveria combater. Gilberto Freyre ira despontar como um dos alvos privilegiados neste processo de purificação.

Dante Moreira Leite, por ex., pode ser considerado como um dos principais representantes deste tipo de perspectiva. Seu estudo sobre o caráter Nacional Brasileiro, originalmente apresentado como tese em psicologia social na USP em 1956 (publicado como livro em 1969), estava organizado em torno do que ele otimisticamente considerava como um momento de ruptura, em torno dos anos 40, que ele chamou de momento de superação das ideologias.

Em seu comentário sobre Gilberto Freyre, Dante Moreira Leite nos diz que “sob certos aspectos, Casa Grande & Senzala só tem um símile em nossa historia literária: Os sertões de Euclides da Cunha. Como os sertões é um livro que, ostensivamente apresentado como de história ou de interpretação geral do Brasil, vale provavelmente como reconstrução literária – por isso mesmo ambígua, polivalente e imperecível; como Os sertões, é um livro pedante, desequilibrado e pretensioso; como Os sertões, é um trabalho de principiante nas letras, primeiro livro de um autor e que é, também, sua obra-prima; finalmente, como Os sertões, é um livro que procura redimir um grupo incompreendido e desprezado – no caso de Euclides, o sertanejo nordestino – no caso de Gilberto, o negro. E existe ainda uma outra semelhança: depois de escrever Os sertões, Euclides pensa em ampliar a sua análise para outras regiões brasileiras;

Gilberto Freyre, depois de *Casa Grande & Senzala*, tenta ampliar o seu trabalho, pensando-o na continuidade histórica”.¹

No final da década de 1970 o influente trabalho de Carlos Guilherme Motta, *Ideologia da Cultura Brasileira*, não se afastou muito do modelo apresentado em *O caráter Nacional Brasileiro*, a não ser por oferecer um diagnóstico muito menos otimista no que se refere à possibilidade de superação das ideologias.

Segundo Carlos Guilherme Motta “o estudo da trajetória e dos vários impactos da obra de Gilberto Freyre sobre os meios intelectuais assume grande importância por permitir a análise da cristalização de uma ideologia com grande poder de difusão: a ideologia da cultura brasileira. Sua postura se apresenta, ela mesma, como objeto de investigação estratégico; contem as ambigüidades daquilo que se poderia denominar uma geração de explicadores da cultura brasileira. Uma espécie de caso limite.”² “Obras como essa, de alta interpretação do Brasil, produzidas pela vertente ensaística, na verdade encobrem, sob fórmulas regionalistas e ou universalistas, o problema real que é o das relações de dominação”.³

Críticas como as de Dante Moreira Leite e de Carlos Guilherme Motta serão disseminadas e se tornarão letra corrente até pelo menos meados da década de 1980. Os estudos caracterizados como a adoção ou procura de um tema científico para os discursos sobre o social (sobre a realidade brasileira) irão dominar o panorama dos estudos de pensamento social brasileiro, seja através dos estudos de estrutura social (funcionalistas ou marxistas), seja através de análises estruturais realizadas a partir de diferentes inspirações – lingüística, antropologia, marxismo ou até mesmo psicanálise.

¹ LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro*. São Paulo, Pioneira, 1978, pp. 299-300.

² Mota, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. São Paulo, xxxx, 19xx, p. 54.

³ Idem, ibidem, pp. 58-9.

Esta história do pensamento social brasileiro que venho esboçando começou a experimentar uma nova direção em torno de meados-fins dos anos 80. Este momento que foi caracterizado por muitos pela falta de credibilidade nos grandes paradigmas que anteriormente legitimavam as regras da ciência, tornou possível multiplar reavaliações, desconstruções e releituras.

A título de exemplo podemos apontar o trabalho de Ricardo B. de Araújo sobre a obra de Gilberto Freyre na década de 30.⁴ Apresentado no início da década de 90 como tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional /UFRJ, esse trabalho reavaliou parte da produção de Freyre a partir da oralidade de sua prosa, ou seja, a repetição, o incompleto, a imprecisão da obra de Freyre, umas das características mais mencionadas pela crítica no decorrer deste século. Essas características que conferem a sua prosa um tom extremamente envolvente, muito próximo a uma conversação, foram consideradas por Benzaquen não como indicadores da incapacidade de conclusão em Freyre devido a sua pouca cientificidade (que retira Freyre do reino da ciência e o lança no da literatura), mas sim como manifestação de sua inserção dentro do tipo de narrativa onde o incompleto faz parte de sua essência mais profunda, i.e., como um ensaio.

ALGUMAS QUESTÕES EM TORNO DO ENSAIO E A ESCRITA DA CULTURA

Muitos já apontaram para a origem da palavra ensaio. Ensaio, vem do francês *essai* e *essayer*, tentar, experimentar, e antes, do Latim, *exagium*, pesar - um objeto ou uma idéia, examiná-lo a partir de vários ângulos, mas nunca de forma exaustiva ou sistemática. Ponto de partida e referência obrigatória de qualquer discussão, Os Ensaios de Montaigne, teria inaugurado a tradição ensaística, que tem como principal característica a fluidez, a versatilidade, a

⁴ Benzaquén de Araújo, Ricardo. *Guerra e Paz: a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro, xxxx, 1994.

indeterminação, o inacabamento, enfim, o privilégio do processo⁵. Inicialmente um gênero urbano, o ensaio permitia ao autor usar a si próprio como ponto de partida para digressões sobre a vida cotidiana, em um diálogo com um grupo homogêneo de leitores.

Depois de Montaigne, pode-se acompanhar a história do ensaio, oscilando entre o reconhecimento enquanto arte e forma de conhecimento. Conforme indica Claire de Obaldia em seu estudo sobre o espírito ensaístico, tal variação pode ser atribuída ao conflito existente entre a forma e o conteúdo do ensaio: “On the one hand, the form of the essay makes it a member of literature and does, for some theorists, grant it the right to establish itself as fourth literary genre alongside the other three (...). On the other hand, the content of the essay, the fact that it is concerned with ideas ultimately addressed directly by an author to a reader, assigns the genre primarily to the category of didactic, expository, or critical writing. In so far as the essay’s essential quality is persuasion, in so far as in its purest form, it is an argument (...) the aesthetic organization of the materials remains subordinated to the treatment of an event or situation that exists in time and space, of an idea or text which he himself is answerable for”.⁶

O resultado desse conflito entre forma e conteúdo é que o ensaio não é reconhecido nem como arte nem como uma forma de conhecimento. Do ponto de vista da ciência ou mesmo da filosofia, o ensaio aparece como “artístico”, excessivamente ligado a estratégias da escrita mesma; entretanto, isso parece não ser suficiente para que este seja alocado junto à chamada literatura criativa. Essa posição fronteiriça, entre a literatura e o discurso científico-filosófico, faz com que possamos aproximar o ensaio a outros gêneros, chamados por Alastair Fowler de “literature in potentia”: “According to the central conception, ‘literature’ refers to a certain group

⁵ O privilégio do processo no ensaio foi inicialmente apontado por G. Lukács em seu texto de 1910, “A Propósito da Essência e da Forma do Ensaio: uma carta a Leo Popper”. In: G. Lukács, *Soul and Form*, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1974 [1910].

⁶ Obaldia, Claire. *The Essayistic Spirit: literature, modern criticism and the essay*. New York, Oxford University Press, 1995, p. 5.

of genres, whose exemplar are therefore by definition literary, at least in aspiration. The central genres comprise the poetic kinds, the dramatic, and some of the prose kinds. Round this nucleus spreads a looser plasma of neighboring forms: essay, biography, dialogue, history, and others. They are, so to say, literature in potentia.⁷ Essas assim chamadas formas vizinhas, tanto podem incluir o ensaio como um de seus membros, como, paradoxalmente, podem passar a serem identificados pela denominação generica de Ensaaios.

Parece-me possível acrescentar ao grupo acima indicado a escrita ensaística da cultura. A ênfase na fluidez, no privilégio do processo, que apontei anteriormente como principal característica desta literatura in potentia, indica a possibilidade de uma escrita que ao recusar a idéia de totalidade como fim último, aponta para uma outra possibilidade de, em se tratando de cultura, não se prender nem render a discursos realistas totalizantes e por vezes totalitários. Tal inserção possibilitaria requalificar a produção ensaística nas ciências sociais que, durante tanto tempo, foi rejeitada por muitos e as vezes até desqualificada enquanto discurso produtor de conhecimento.

Toda a ênfase no incompleto e na imperfeição não deve nos levar a supor que o inacabado que caracteriza o ensaio acabe necessariamente no elogio da indefinição. Longe disto. Voltando a Gilberto Freyre, a impressão que temos ao ler Casa Grande & Senzala é a de uma recusa com o compromisso e com a idéia de totalidade, ou seja, com a preocupação de apresentar uma visão sistemática e exhaustiva dos temas em questão.

Essa aversão à totalidade não deixa de acompanhar-se de um vivo interesse pelo fundamental, Benzaquem reconsidera a questão do “paradigma” inaugurado por Freyre, ao sustentar que este não havia realizado simplesmente uma mudança de ênfase da raça para a

⁷ Fowler, Alastair. Kinds of Literature: Introduction to the Theory of Genres and modes. London, Oxford University Press, 1982, pp. 5-6.

cultura, mas que havia na verdade tentado integrar esses dois pontos de vista a partir da adoção de uma perspectiva neo-lamarckiana - integração que permitiu a Freyre retratar a cultura brasileira como o resultado de incontáveis antagonismos em conflito. Desta forma, a estratégia de Freyre em relação à questão da identidade cultural brasileira, poderia ser sintetizada como uma tentativa em integrar nação e região, raça e cultura.

Poderíamos apontar outros exemplos tanto de releitura de autores e temas consagrados, como de vozes até então desconhecidas ou mesmo desconsideradas. A crise da autoridade dos modelos que garantiam o domínio de determinados discursos, convida a novas estratégias garantidoras de verdade. O surgimento de novas vozes através da transformação de objetos em sujeitos, tornou possível redistribuir a narrativa da verdade de acordo com novos eixos problemáticos.